

Geopolítica e inteligência artificial: uma nova corrida à hegemonia global

Com poucas novidades no panorama económico e financeiro, para além dos últimos ajustes nas negociações comerciais que elevaram a tarifa média efetiva dos EUA para 13,8%, a atenção nas últimas semanas do ano continua focada nas duas principais questões que irão moldar o desempenho da economia a médio prazo: a geopolítica e o investimento em inteligência artificial (IA). Para a Europa, embora os desafios relacionados com a demografia, a transição energética e a competitividade sejam importantes, o principal desafio a curto prazo é a geopolítica (acesso a terras raras, segurança económica, defesa, Ucrânia, entre outros), seguida e intrinsecamente ligada à necessidade de se posicionar dentro da cadeia de valor da IA.

No âmbito geoeconómico, e devido à diminuição das tensões em Gaza, a atenção centra-se agora nos esforços diplomáticos para pôr fim à guerra na Ucrânia. Um cessar-fogo teria um efeito ligeiramente negativo, pelo menos no curto prazo, nos preços das *commodities* energéticas, cuja intensidade dependeria das condições para o regresso da Rússia aos mercados. O impacto positivo do choque de oferta (e da redução da incerteza) na economia da UE seria limitado, uma vez que o crude russo não é importado desde o início da guerra e as compras de gás natural diminuíram significativamente nos últimos anos. De facto, o objetivo é que a UE se desvincule completamente da energia russa até 2027. Por conseguinte, o fim do conflito compensaria o impacto negativo das tarifas americanas e impulsionaria o crescimento europeu no limite superior do intervalo de 1%-1,5%, embora o que será crucial para a atividade económica a médio prazo seja o plano de reconstrução da Ucrânia (estimado em quase 500 mil milhões de euros pelo Banco Mundial) e o seu financiamento (atualmente incerto). No âmbito da política monetária, os efeitos de curto prazo sobre a inflação de um choque de oferta de baixa intensidade não deverão alterar o roteiro do BCE, dado que as expectativas de preços parecem firmemente ancoradas em 2% e as taxas de juro se encontram em território neutro, onde é mais fácil harmonizar as diferentes sensibilidades existentes no seio do Conselho de Governadores da autoridade monetária europeia.

No entanto, e embora o potencial transformador de uma geopolítica sujeita tanto aos ditames da transacionalidade como à geometria variável das relações internacionais seja muito importante, o potencial ligado ao desenvolvimento da IA não é menos relevante. Como salienta Giuliano da Empoli no seu mais recente livro «*A Hora dos Predadores*», se

o grande dilema que enfrentámos no século XX foi a relação entre o Estado e o mercado, no século XXI a escolha é entre o homem e a máquina e, especificamente, que aspectos das nossas vidas devem ser reservados à inteligência humana e quais devem ser confiados à IA. Neste contexto, ao longo do último ano, distraídos pelo fenómeno Trump, temos negligenciado uma aceleração sem precedentes nos investimentos em IA, que se está a tornar o principal motor de crescimento nos EUA. Os investimentos em tecnologia nos EUA, incluindo software, hardware, centros de dados e a eletricidade utilizada nas centrais de produção de energia para alimentar todo o processo, deverão aproximar-se este ano dos 1,4 biliões de dólares (quase 5% do PIB), muito acima da média de 3,1% dedicada a estas áreas desde a década de 1970. Adicionalmente, mais de 25% deste investimento foi feito pelos cinco maiores hiperescaladores. A questão é saber quanto tempo levará até vermos os efeitos na produtividade e qual será a intensidade da substituição do fator trabalho pelo fator capital no curto prazo.

Com todos os principais intervenientes a acelerarem as suas apostas por receio de que o primeiro a cruzar a linha da meta colha todos os frutos, é altura de a Europa acelerar as decisões estratégicas (como a InvestIA ou o Plano de Ação para a IA) relativamente ao seu posicionamento na cadeia de valor, tendo em conta as suas atuais fragilidades tanto na primeira fase (hardware/seletores) como na capacidade computacional. A resposta europeia deverá combinar novas iniciativas de investimento, uma regulamentação mais eficaz e competências reforçadas, com o objetivo de colmatar a lacuna com os EUA e reduzir as suas dependências.

A realidade é que estamos a assistir não apenas a um ciclo tecnológico ou a uma potencial bolha de valorização, mas a uma mobilização maciça de capital em tempos de conflito. A ascensão da IA tornou-se o Projeto Manhattan dos tempos modernos: uma corrida em que a computação substitui o urânio e as redes elétricas substituem as centrais de enriquecimento. Portanto, apesar das fragilidades financeiras, éticas e de sustentabilidade do processo, assistiremos a uma aceleração no curto prazo, uma vez que o que está em causa não é apenas o lucro ou a rentabilidade, mas também a hegemonia e a liderança da economia global a médio prazo. Isto não tem nada a ver com a bolha *dot com*. É tempo de passar da teoria à prática, sendo capazes de distinguir a transformação estrutural em curso da mera especulação financeira.

José Ramón Díez